

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

Clara Araujo da Costa

**A vida de Josiah Henson: uma tradução comentada**

Porto Alegre

2019

Clara Araujo da Costa

**A vida de Josiah Henson: uma tradução comentada**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Letras — Português e Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Moura da Silva

Porto Alegre

2019

#### CIP - Catalogação na Publicação

Araujo da Costa, Clara  
A vida de Josiah Henson: uma tradução comentada /  
Clara Araujo da Costa. -- 2019.  
54 f.  
Orientadora: Márcia Moura da Silva.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Letras, Curso de Letras: Tradutor Português e  
Inglês, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Competência Tradutória. 2. Escravidão. 3. Josiah  
Henson. 4. Tradução Comentada. 5. Tradução  
Minorizante. I. Moura da Silva, Márcia, orient. II.  
Titulo.

Clara Araujo da Costa

**A vida de Josiah Henson: uma tradução comentada**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Letras – Tradutora Português/Inglês.

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Denise Regina de Sales - UFRGS

---

Profa. Dra. Erica Foerthmann Schultz - UFRGS

---

Profa. Dra. Márcia Moura da Silva - UFRGS (orientador)

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, pelo constante apoio nos momentos bons e nos ruins.

Aos meus amigos, por sempre acreditarem em mim, mesmo quando eu não acreditei em mim mesma.

Aos meus colegas da Letras, sem vocês a jornada não teria tido a menor graça.

À minha orientadora, por abraçar esse projeto junto comigo e me guiar do início ao fim dele.

Ao Francisco, por tudo, mas principalmente por ter feito eu me apaixonar pela língua inglesa e por me dar a ideia desse projeto. Sem ele, eu não estaria aqui.

À minha mãe, por ser a minha eterna companheira e me amar desde antes de eu nascer.

Finalmente, ao Josiah Henson, por compartilhar sua história com o mundo, e a todos os outros incontáveis escravos cujas vozes nunca vamos ter a chance de escutar.

*I have a dream that one day this nation will rise up and live out the true meaning of its creed: "We hold these truths to be self-evident, that all men are created equal."*

(Martin Luther King, Jr.)

## RESUMO

Este trabalho consiste em uma tradução comentada da narrativa do ex-escravo Josiah Henson. A tradução foi feita com a finalidade de ser publicada em uma coleção de narrativas de ex-escravos pela Editora Hedra, de São Paulo. Essa tradução comentada tem como objetivo levar ao conhecimento de leitores brasileiros o relato em primeira pessoa de um homem que sofreu na carne as injustiças da escravidão. Na construção do trabalho, foram abordados conceitos-chave, como tradução comentada (WILLIAMS & CHESTERMAN, 2002; ZAVAGLIA; RENARD; JANCZUR, 2015), tradução minorizante (VENUTI, 2002) e competência tradutória (HURTADO ALBIR, 2005) que norteiam a discussão teórico-metodológica deste trabalho e dão suporte aos comentários sobre a tradução. Durante o processo tradutório, utilizou-se o assistente de tradução com memória de tradução *OmegaT* e criou-se um diário de tradução com anotações feitas por mim. A escolha dos trechos comentados foi feita a partir da seleção dos trechos que apresentaram problemas de tradução ou que levaram a reflexões adicionais durante o processo tradutório. Esses trechos foram organizados em tabelas que contêm o texto de partida em paralelo com o texto de chegada produzido por mim, seguidas de comentários explicando os problemas encontrados e as soluções propostas. Atribuiu-se ao autor e à obra o status de minorizante conforme Venuti (2002) devido à posição social de Henson e à heterogeneidade da obra que causa um estranhamento no leitor. Assim, esses elementos foram mantidos na tentativa de causar o mesmo efeito no leitor de chegada.

**Palavras-chave:** Competência Tradutória; Escravidão; Josiah Henson; Tradução Comentada; Tradução Minorizante.

## ABSTRACT

This work consists in an annotated translation of the narrative of former slave Josiah Henson. The translation was made with the purpose of having it published by Hedra publishing house, São Paulo, as part of a collection of narratives of former slaves. This annotated translation aims to bring to Brazilian readers the first-person narrative of a man who personally suffered the injustices of slavery. Key-concepts within Translation Studies, namely annotated translation (WILLIAMS & CHESTERMAN, 2002; ZAVAGLIA; RENARD; JANCZUR, 2015), minoritizing translation (VENUTI, 2002) and translation competence (HURTADO ALBIR, 2005) guide the theoretical and methodological discussion of this paper and support the translation comments. During the translation process, I used the computer-assisted translation tool with translation memory *OmegaT* and created a translation diary with annotations made by me. The excerpts herein presented were selected because they presented translation problems or led to additional reflection during the translation process. They were organized in tables that contain the source text parallel to the target text produced by me, followed by comments explaining the problems that I found and the solutions I proposed. The status of minoritizing has been attributed to the author and his work according to Venuti (2002) due to Henson's social position and the heterogeneity of the work, which causes strangeness in the reader. Thus, these elements were kept in an attempt to cause the same effect in the target reader.

**Keywords:** Translation Competence; Slavery; Josiah Henson; Annotated Translation; Minoritizing Translating.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Projeto de Tradução no OmegaT.....	20
Figura 2 – Excerto 1 do Diário de Tradução.....	21
Figura 3 – Excerto 2 do Diário de Tradução.....	22
Figura 4 – Excerto 3 do Diário de Tradução.....	22

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Trecho 1: The day's work of a man.....	25
Tabela 2 – Trecho 2: He was to officiate & Exemplo de prolixidade.....	26
Tabela 3 – Trecho 3: Marca de prolixidade.....	28
Tabela 4 – Trecho 4: Buggy.....	29
Tabela 5 – Trecho 5: Flatboat.....	31
Tabela 6 – Trecho 6: Wigwam.....	32
Tabela 7 – Trecho 7: Caprice of the abandoned.....	33
Tabela 8 – Trecho 8: Shoot by a sawyer.....	34
Tabela 9 – Trecho 9: Deus com letra minúscula ou maiúscula.....	35
Tabela 10 – Trecho 10: The base and apparently irremediable trick.....	36

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 O AUTOR E A OBRA.....</b>	<b>10</b>
<b>3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....</b>	<b>13</b>
3.1 SOBRE A TRADUÇÃO COMENTADA .....	13
3.2 SOBRE TRADUÇÃO MINORIZANTE .....	14
3.3 SOBRE AS SUBCOMPETÊNCIAS TRADUTÓRIAS E O PROCESSO TRADUTÓRIO.....	18
<b>4 COMENTÁRIOS SOBRE A TRADUÇÃO .....</b>	<b>24</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>43</b>
<b>ANEXO 2.....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As narrativas de ex-escravizados são uma das marcas da luta abolicionista nos Estados Unidos. Esse gênero literário produziu clássicos como *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave* (1845)<sup>1</sup> de Frederick Douglass e *Incidents in the Life of a Slave Girl* (1861)<sup>2</sup> de Harriet Ann Jacobs, que tornaram-se fontes históricas primárias desse período. Ao registrarem as histórias de suas vidas, esses autores produziram, além de obras literárias extraordinárias, documentos históricos que permanecem relevantes até hoje, pois auxiliam pesquisas acadêmicas como *Assessing Memory: Twentieth-Century Slave Narratives Reconsidered* (1996) de Donna J. Spindel e *Female Slave Narratives and Appearance: Assimilation, Experience, and Escape* (2011) de Eulanda A. Sanders. Com o objetivo de levar ao conhecimento de leitores brasileiros o relato em primeira pessoa de um homem que sofreu na carne as injustiças da escravidão, este trabalho é uma tradução comentada da obra *The Life of Josiah Henson, Formerly a Slave, Now an Inhabitant of Canada, as Narrated by Himself* (1849), de Josiah Henson.

A escolha de traduzir a narrativa de Josiah Henson surgiu a partir de uma parceria com o meu irmão, Francisco Araujo da Costa. Costa traduziu o livro *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave* (1845), a autobiografia de Frederick Douglass. O livro foi aprovado no PNLD Literário 2018<sup>3</sup> e será publicado pela Editora Hedra, de São Paulo. O projeto da editora é criar uma coleção de narrativas de escravos — o processo de seleção deles foi consultar listas e antologias das narrativas mais importantes e consultar com o historiador Tâmis Parron, que trabalha com escravidão, para determinar quais eram as narrativas de escravos mais importantes, mais representativas e mais interessantes para a coleção. A narrativa de Josiah Henson não foi uma das selecionadas para a tradução inicial, mas entrou em um segundo grupo de opções — caso a coleção seja um sucesso e a editora quiser expandi-la. Entre as três opções desse segundo grupo que Costa me mandou, eu selecionei o Henson por ele ter servido de

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://docsouth.unc.edu/neh/douglass/douglass.html>>. Acesso em 20/06/2019.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://docsouth.unc.edu/fpn/jacobs/jacobs.html>>. Acesso em 20/06/2019.

<sup>3</sup> O PNLD Literário 2018 (Programa Nacional do Livro Didático) é um plano desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC), em parceria com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), para a aquisição de obras literárias a serem utilizadas pela rede pública de ensino brasileira.

inspiração para o personagem titular do clássico *A cabana do Pai Tomás* (1852), da autora norte-americana Harriet Beecher Stowe.

Acredito que histórias como a de Henson podem ter um grande impacto na percepção das pessoas sobre História. Um livro que pode ser utilizado como exemplo desse impacto é o *Diário de Anne Frank* (1947). Assim como Anne Frank e sua trágica história ajudam as pessoas até hoje a entenderem melhor o sofrimento e perseguição do povo judeu durante o Holocausto, acredito que autobiografias de homens como Josiah Henson e Frederick Douglass podem ajudar crianças e adultos a refletirem mais sobre a escravidão. Relatos pessoais, detalhistas e visuais estimulam a imaginação e ajudam o leitor a entender que essas pessoas realmente existiram e sofreram com a escravidão — suas histórias e sofrimentos foram mais reais do que os livros didáticos de História deixam transparecer. O meu objetivo ao traduzir a narrativa de Henson é fazer com que sua história seja mais conhecida fora da América do Norte; especificamente no Brasil, um país que tem mais de trezentos anos de sua história marcados pela escravidão. Acredito que histórias como a sua seriam muito úteis nas salas de aula de História, possibilitando que os alunos se aproximem mais de conceitos como escravidão e tenham uma compreensão melhor do que aconteceu nessa época, que para os jovens pouco significa além de matérias a serem estudadas para uma prova. Espero também que esse livro chegue em quaisquer outros leitores que se interessam por História e eduque pessoas que já passaram da época de estudar para provas de colégio, formando adultos mais sensíveis e conscientes.

O objetivo deste trabalho é fazer uma tradução comentada de acordo com o conceito de Williams e Chesterman de *tradução com comentário* ou *tradução anotada*: “uma pesquisa retrospectiva e introspectiva em que você mesmo traduz o texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário a respeito de seu próprio processo de tradução”<sup>4</sup> (2002, p. 7). De tal forma, este comentário engloba uma análise de aspectos do TP que estimularam reflexões sobre a tradução e os problemas que surgiram no processo, assim como as soluções que encontrei para eles e suas respectivas justificativas. Em Zavaglia, Renard e Janczur (2015), as autoras destacam a importância da contribuição para o gênero textual tradução comentada, que é muito frequente porém pouco discutido no contexto acadêmico.

---

<sup>4</sup> Todos os trechos traduzidos de citações diretas foram traduzidos pela autora deste trabalho.

Portanto, espero que este trabalho também contribua e estimule a discussão sobre tradução comentada entre alunos de tradução, proporcionando uma reflexão vinda da pessoa que está traduzindo e demonstrando como um tradutor trabalha. De modo geral, os leitores leigos estão acostumados a pensarem no tradutor como uma figura oculta por trás da obra traduzida, dando todo o crédito para o autor da obra original. Esse é um dos estigmas quebrados durante a graduação de Bacharelado em Letras — a tradução não é um processo completamente mecanizado e automático. Apesar de que atualmente existam serviços computadorizados que auxiliam o tradutor e agilizam seu trabalho, o tradutor deve considerar diversos fatores determinantes tanto sobre o texto de partida (TP) quanto sobre o texto de chegada (TC) para fazer o seu trabalho. De acordo com Nord (2001 *apud* SILVA, 2013), problemas de tradução não podem ser confundidos com as dificuldades subjetivas de tradução, ou seja, aquelas que surgem da própria deficiência linguística, cultural ou tradutória do tradutor. Problemas de tradução, em sua perspectiva, “serão sempre problemas de tradução, mesmo que o tradutor já possua a habilidade de lidar com eles de maneira rápida e eficaz” (p. 24). O surgimento de problemas de tradução durante o processo tradutório é constante e as reflexões que o tradutor faz para pensar nas suas soluções são muito relevantes e contributivos para o estudante de tradução. Desse modo, a tradução comentada dá visibilidade e voz ao tradutor, permitindo que ele ou ela compartilhe esse processo com os leitores.

Além da introdução, o trabalho é composto por mais quatro partes: o autor e a obra, em que eu apresento Josiah Henson e sua história; pressupostos teórico-metodológicos, em que explico a teoria e a metodologia utilizadas no desenvolvimento do trabalho; a tradução comentada em si, em que comento sobre os principais problemas e suas soluções durante o processo tradutório; e por fim, as conclusões finais sobre o trabalho e a experiência tradutória.

## 2 O AUTOR E A OBRA

Josiah Henson<sup>5</sup> (1789 - 1883) foi um autor, abolicionista e pastor norte-americano. Ele nasceu como escravo no estado de Maryland, nos Estados Unidos, e na vida adulta fugiu para a região que hoje é conhecida como Ontário, no Canadá. Similarmente à figura histórica brasileira Zumbi dos Palmares<sup>6</sup>, que fundou o famoso Quilombo dos Palmares no estado de Alagoas do Brasil colonial, Henson fundou uma colônia e uma escola para outros escravos fugitivos perto da comunidade de Dresden. A história de Henson tornou-se conhecida depois que a autora Harriet Beecher Stowe utilizou-a como inspiração para escrever o clássico da literatura *A cabana do Pai Tomás* (1852), um livro que tornou-se um símbolo do início da luta abolicionista nos Estados Unidos. (GOLDNER, 2001). Nesse sentido, é possível compará-lo ao Zumbi, que talvez seja a pessoa mais representativa dessa luta no que diz respeito à resistência negra à escravidão no Brasil.

Henson tem três obras publicadas. As três são essencialmente o mesmo texto que foi publicado em 1849, enquanto as edições de 1858 e 1876 são versões atualizadas e estendidas:

1. *The Life of Josiah Henson, Formerly a Slave, Now an Inhabitant of Canada, as Narrated by Himself* (1849)
2. *Truth Stranger Than Fiction. Father Henson's Story of His Own Life* (1858)
3. *Uncle Tom's Story of His Life: An Autobiography of the Rev. Josiah Henson* (1876)

O primeiro é o texto que eu traduzi e que inspirou este trabalho. Após o sucesso do livro de Stowe, Henson publicou o segundo, que é uma versão estendida de sua autobiografia. O terceiro, outra versão atualizada de sua vida, foi publicado depois de quase duas décadas.

Em sua narrativa, Henson conta a história de sua vida desde a infância em Maryland até a formação da colônia de escravos fugitivos dos Estados Unidos no Canadá. Após a morte do dono de sua mãe, ela e Henson foram separados de seus irmãos e vendidos para Isaac R. Anos depois, a pedido de Isaac, Henson transportou os escravos da fazenda para a propriedade do irmão dele, Amos, em Kentucky devido a dificuldades financeiras de seu dono. Através do conselho de um

---

<sup>5</sup> Os dados sobre o autor foram retirados do próprio livro.

<sup>6</sup> Fonte: <[http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=8192](http://www.palmares.gov.br/?page_id=8192)>. Acesso em 10/06/2019.

amigo pastor, Henson começou a viajar para Maryland e a juntar dinheiro para comprar sua liberdade. Com a ajuda de seu amigo Frank, negociou sua liberdade com Isaac. Porém, ao retornar para Kentucky descobriu que havia sido enganado por Isaac pois seu papel dizia que havia concordado em pagar uma quantia muito maior do que a combinada. Desolado com o fato de que não havia ninguém para ajudá-lo em Kentucky, Henson continuou trabalhando e eventualmente Amos o mandou fazer uma viagem de trabalho. Sabendo que seria vendido no fim da viagem, como era costume da época, Henson quase matou Amos mas desistiu no último instante por motivos religiosos. Henson acabou não sendo vendido devido à doença que Amos contraiu no fim da viagem, e os dois voltaram para Kentucky. Tendo a certeza de que seria vendido em outra ocasião, Henson começou seu plano de fuga. Depois de uma longa e desafiadora viagem, Henson e sua família chegaram no Canadá. Após passar alguns anos trabalhando, Henson e um grupo de moradores da região decidiram criar uma colônia para escravos fugitivos e compraram terras onde cultivaram suas próprias colheitas e fundaram uma escola.

Henson expressa a importância da sua religião durante todo o livro. Ele conta que aprendeu rudimentarmente sobre Deus com a sua mãe quando era criança, e quando adolescente teve a oportunidade de assistir a um culto religioso em Kentucky que mudou sua vida. Em Kentucky também teve a oportunidade de estudar e tornar-se pastor. Durante sua busca por liberdade, Henson juntou dinheiro através de pregações que fez no caminho. Ele afirma que a maior crise de sua vida foi quando quase cometeu assassinato contra Amos, mas um sentimento cristão esmagador o impediu de fazê-lo. Ele voltou a pregar no Canadá e tornou-se famoso tanto pela fundação da colônia quanto por seus serviços religiosos.

Na narrativa, Henson mantém o foco na sua vida como escravo e a fuga subsequente, poupando detalhes minuciosos sobre seu trabalho como pastor e vida pessoal com sua esposa e filhos. Ele conta diversas histórias que o marcaram, como a ocasião em que sofreu um ataque de um homem branco que pensou que Henson o havia desrespeitado, e nunca mais recuperou o movimento completo dos braços. Toda a sua jornada culminou na decisão de abandonar a honra que tinha por não abandonar seus donos que tanto o abusaram e começar uma vida nova no Canadá, onde teve a oportunidade de ser livre e ajudar incontáveis outros escravos fugitivos que procuravam uma vida nova.



Apesar de ser o único nome creditado na autoria do livro, Henson não o escreveu sozinho. Como Henson não era suficientemente alfabetizado, ele ditou sua história para Samuel Atkins Eliot<sup>7</sup>, que o transcreveu e editou. O texto é bem escrito — traz um vocabulário rico e formas verbais complexas, como mostram os exemplos das tabelas 2 e 3 na seção 4, e escrita livre de erros linguísticos. Acredito que é possível supor que essa não era a linguagem que Henson usava no seu discurso oral. Apesar de ser um ótimo orador, ele não teve acesso a nenhum tipo de estudo formal; teria sido a intervenção de Eliot que aproximou a linguagem de Henson à norma padrão da língua inglesa. Esse tipo de prática já gerou considerável polêmica em relação a outras obras. Na década de 1990, o historiador David Stoll publicou uma obra (1999) em que argumenta que a autobiografia *I, Rigoberta Menchú* (1983) da ativista guatemalteca Rigoberta Menchú apresenta inexatidões significativas. O livro de Menchú foi escrito a partir de gravações de áudio, e Stoll afirma que essa intermediação teve como consequência alterações e exageros em sua história. No caso da narrativa de Henson, não parece ter havido controvérsia sobre o conteúdo da história. No início, há um prefácio revelando a participação de uma segunda pessoa na criação do livro de Henson. Portanto, eu pretendo preservar isso na minha tradução e transportar para o TC essa linguagem que Henson provavelmente não utilizou em sua fala mas que foi a utilizada na escrita de sua narrativa.

Na próxima seção, serão descritos os conceitos e teorias que guiaram o processo de tradução e este trabalho, assim como a metodologia utilizada na realização dos mesmos.

---

<sup>7</sup> Samuel Atkins Eliot (1798 – 1862) foi um político de Boston, Massachusetts que serviu mandatos como membro da câmara de deputados, prefeito de Boston e senador. Em algum momento da década de 1840, Josiah Henson ditou sua história a ele e Eliot a transcreveu e escreveu um breve prefácio. Fontes <<https://www.loc.gov/item/11021827/>> e <[https://en.wikipedia.org/wiki/Samuel\\_Atkins\\_Eliot\\_\(politician\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Samuel_Atkins_Eliot_(politician))>. Acesso em 24/04/2019.

### 3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Nesta seção, serão apresentados alguns conceitos teóricos e a metodologia que acompanharão o desenvolvimento do trabalho. Os conceitos descritos aqui estão relacionados: à tradução comentada, apresentada por Williams e Chesterman (2002) e Zavaglia, Renard e Janczur (2015); à tradução minorizante e aos conceitos de estrangeirização e domesticação, apresentados por Venuti (1995; 2002); e às subcompetências tradutórias, por Hurtado Albir (2005).

A metodologia utilizada neste trabalho é a tradução comentada, que terá como base os comentários registrados em um diário de tradução sobre as escolhas tradutórias que levaram ao resultado final do TC. Por isso, é importante trazer estudos e definições acerca desse gênero acadêmico para estabelecer a sua base e explicar como ela se relaciona com a construção deste trabalho. Além disso, por se tratar de um texto que foge da forma padrão de sua época, trago o projeto de tradução minorizante de Venuti (2002), que foi essencial no planejamento da estratégia de tradução.

#### 3.1 SOBRE A TRADUÇÃO COMENTADA

Segundo Williams e Chesterman (2002), *translation with commentary* (tradução com comentários) ou *annotated translation* (tradução anotada) é “uma pesquisa retrospectiva e introspectiva em que você mesmo traduz o texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário a respeito de seu próprio processo de tradução” (2002, p. 7). Eles afirmam que esses comentários podem abranger discussões sobre a tarefa de tradução, análise de aspectos do TP e justificativas para as soluções dos problemas de tradução. Além disso, os autores refletem que o valor de tais pesquisas está no aumento da qualidade de tradução que pode ser causado pela autoconsciência do tradutor sobre seu trabalho.

Zavaglia, Renard e Janczur (2015) trazem essa definição de Williams e Chesterman e afirmam a importância pedagógica da tradução comentada. Sobre a importância da produção de textos desse “gênero em construção” (ZAVAGLIA; RENARD; JANCZUR, p. 335), elas afirmam:

Talvez uma das propriedades da tradução comentada em contexto acadêmico resida no registro do percurso tradutório do estudante, que deixa transparecer, por seus comentários de tipos diversos, suas dúvidas, suas escolhas iniciais, suas escolhas finais, seus embasamentos teóricos para os gestos cognitivos ou intuitivos, as justificativas das estratégias tomadas e os procedimentos fundamentais que colaboraram para a sua realização. (ZAVAGLIA; RENARD; JANCZUR, 2015, p. 349)

Em seu artigo, as autoras apresentam dois exemplos de dissertações que se tratam de traduções comentadas, observando a relação entre o embasamento teórico e a prática acadêmica da tradução comentada. Elas ressaltam que a função da tradução comentada é pedagógica, pois permite que o estudante faça registro do processo crítico da tradução e sempre questione suas decisões — que é o meu objetivo neste trabalho.

Segundo as autoras, a forma de uma tradução comentada é a que o tradutor

apresenta o contexto da obra e do autor, justifica sua importância – o que determina frequentemente a sua função –, fundamenta seus procedimentos tradutórios, selecionando alguns trechos mais significativos, e, com base nesses exemplos, discute as estratégias de tradução utilizadas. (ZAVAGLIA; RENARD; JANCZUR, 2015, p. 349)

Assim, as autoras classificam a tradução comentada como um processo importante não só para a avaliação da tradução em si, mas ainda para o processo tradutório em geral. Através dos comentários registrados, o estudante pode aprimorar seu questionamento sobre suas próprias escolhas e compreender as dificuldades apresentadas pelo texto, sejam elas relacionadas a aspectos linguísticos ou ao contexto histórico, cultural, social e econômico.

### 3.2 SOBRE TRADUÇÃO MINORIZANTE

Em seu livro *Escândalos da Tradução* (2002), Lawrence Venuti apresenta o que chama de projeto minorizante. Ele escreve sobre a sua preferência por literaturas menores em seus projetos de tradução — obras que possuam “posição marginal em seus cânones nativos — ou que, em tradução, possam ser úteis na minorização do dialeto-padrão e das formas culturais dominantes no inglês americano” (p. 26). Além disso, Venuti desafia a prática de projetos de traduções literárias adequarem-se à cultura do idioma de chegada para evitar problemas e conflitos na tradução. Venuti afirma que o objetivo da tradução minorizante não é

estabelecer novos padrões ou cânones, e sim promover a diversidade de diferentes culturas. Em concordância com Antoine Berman, o autor afirma que a obra traduzida não deve ter a função de misturar-se à língua para qual está sendo traduzida, devendo manter as suas marcas e referências para a língua de origem. Segundo o teórico francês, “a boa tradução é desmistificadora: manifesta em sua própria língua a estrangeiridade do texto estrangeiro” (BERMAN, 1985, p. 89 *apud* VENUTI, 2002, p. 27).

Uma maneira de se fugir de adequações à cultura de chegada seria através da estratégia de estrangeirização na tradução, que se opõe ao conceito de domesticação. Em Martins (2010), a autora escreve sobre como Venuti apresentou esses conceitos propostos por Friedrich Schleiermacher na conferência *Sobre os diferentes métodos de tradução* e os retomou em sua obra *The Translator's Invisibility* (1995).

Mas, agora, por que caminhos deve enveredar o verdadeiro tradutor que queira efetivamente aproximar estas duas pessoas tão separadas, seu escritor e seu leitor, e propiciar a este último, sem obrigá-lo a sair do círculo de sua língua materna, uma compreensão correta e completa e o gozo do primeiro? No meu juízo, há apenas dois. Ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro.

(SCHLEIERMACHER, 2001, p. 57)

Segundo a autora, Schleiermacher referencia-se aos métodos apenas como o “primeiro” e o “segundo”. É Venuti (1995) que denomina os conceitos de domesticação (o método de aproximação, que traz o leitor do TC ao TP) e estrangeirização (o método de distanciamento, que traz o autor do TP ao leitor TC) como os conhecemos atualmente. Tanto Schleiermacher quanto Venuti julgam a estrangeirização como sendo o método mais apropriado, mas Venuti o faz por motivos políticos — como forma de resistência à dominância da língua inglesa, afirmando que o mundo inteiro se adapta demais à essa língua. Na prática, esse método consiste em desviar da norma padrão da língua e introduzir elementos que sirvam “[...] para deixar o leitor ciente de que está lendo uma obra traduzida” (MARTINS, 2010, p. 67).

O projeto de Venuti tem por base sua tradução de uma novela do autor italiano I. U. Tarchetti, cujas obras iam contra os padrões linguísticos, literários, morais e políticos de sua época — motivos pelos quais Venuti atribuiu-lhe status

minorizante. Venuti afirma que aproveitou toda oportunidade que teve de inserir arcaísmos em inglês na tradução para contextualizar a tradução, deixando clara sua origem italiana do século 19. Contudo, ele também introduziu elementos mais recentes da língua inglesa, tanto padrões quanto coloquiais, para lembrar o leitor de que ele ou ela está lendo uma tradução de uma obra antiga no tempo presente. Essa heterogeneidade do texto causa estranhamento no leitor, permitindo que ele identifique o texto como sendo uma tradução.

Em sua narrativa, Josiah Henson conta que aprendeu a ler apenas depois de fugir para o Canadá — ele não fala nada sobre quando e se aprendeu a escrever. No início de seu livro há um prefácio intitulado *Advertisement* (traduzido por mim como *Nota*) afirmando que o texto foi escrito após ele ter ditado a história para outra pessoa, e depois o texto ainda foi editado:

A seguinte autobiografia foi escrita a partir do ditado de JOSIAH HENSON. Uma porção da história foi contada por ele e, depois de escrita, lida para ele para que quaisquer erros fossem corrigidos. Portanto a essência, os fatos, as reflexões e muitas vezes as palavras são dele; e pouco mais que a estrutura das frases pertence a outra pessoa.

Nesta forma, a narrativa inevitavelmente perde o encanto da maneira sincera e da eloquência natural de um homem que conta uma história na qual está profundamente interessado; mas espera-se que o suficiente disso permaneça para estimular o interesse na leitura e que o caráter do homem e a natureza incrível dos eventos de sua vida sirvam de reflexão para justificar o esforço para torná-los mais conhecidos. A história tem essa vantagem de que não é ficção e sim fato, e poderá ser muito educativa para aqueles que prestarem atenção em suas lições.

(HENSON, 1849, p. III-IV)<sup>8</sup>

O livro de Henson foi produzido de uma forma diferente da que estamos acostumados a pensar, ou seja, o próprio autor da história, alguém sem muito conhecimento da língua escrita, narra sua experiência como escravizado a uma outra pessoa que a escreve, esforçando-se em manter a essência das reflexões desse autor. O fato de Henson ser um ex-escravo cuja única alfabetização foi a que

---

<sup>8</sup> The following memoir was written from the dictation of JOSIAH HENSON. A portion of the story was told, which, when written, was read to him, that any errors of statement might be corrected. The substance of it, therefore, the facts, the reflections, and very often the words, are his; and little more than the structure of the sentences belongs to another.

The narrative, in this form, necessarily loses the attraction derived from the earnest manner, the natural eloquence of a man who tells a story in which he is deeply interested; but it is hoped that enough remains to repay perusal, and that the character of the man, and the striking nature of the events of his life will be thought to justify the endeavor to make them more extensively known. The story has this advantage, that it is not fiction, but fact; and it will be found fruitful in instruction by those who attentively consider its lessons.

recebeu de seu filho mais velho Tom o desvia do padrão de nomes famosos do século XIX como Walt Whitman, Emily Dickinson e Henry James, que eram de outras classes sociais e tiveram educações mais formais do que a de Henson. Na época em que o livro foi publicado originalmente, Henson ainda não era conhecido nem renomado — sua história viria à tona somente após a publicação de *A cabana do Pai Tomás*.

No decorrer do livro, é possível notar uma mistura entre o conteúdo da história de Henson, a forma padrão na qual o texto foi escrito pelo ouvinte e alguns estranhamentos causados por essa heterogeneidade, como no exemplo abaixo:

I was in a state of the greatest excitement at the thought that such a being as Jesus Christ had been described should have died for me--for *me* among the rest, a poor, despised, abused slave, who was thought by his fellow creatures fit for nothing but unrequited toil and ignorance, for mental and bodily degradation.

(HENSON, 1849, p. 12)

Apesar de não saber ler ou escrever muito bem, Henson era um ótimo orador devido à sua vasta experiência como pastor; além disso, o trecho acima trata-se de um assunto do qual ele gostava muito, que é sua fé religiosa. Portanto, pode-se dizer que ele falava extensivamente e com muita vontade sobre os assuntos pelos quais tinha interesse e gosto. Isso se manifesta nesse trecho, que é uma frase longa e até um pouco prolixa. No entanto, não sabemos se Henson realmente utilizava expressões como *unrequited toil* (labuta não retribuída) e ou se sabia utilizar construções verbais como *should have died* (havia morrido) em seu discurso oral. É mais provável que Samuel A. Eliot, o homem que escutou a história e a transcreveu, tenha modificado um pouco a frase. Assim, com base em algumas características do texto de Henson, parece-me possível dizer que sua obra pode ser considerada minorizante de acordo com a definição de Venuti (2002) por não ocupar uma posição canônica na cultura de partida. Portanto, meu objetivo é preservar esse estranhamento e deixar claro para o leitor que estará lendo um livro que tem o conteúdo da história de Josiah Henson, mas a forma de escrita de outra pessoa. Ademais, busquei estratégias (ex. notas de rodapé) que conscientizassem esse leitor de estar lendo uma tradução.

### 3.3 SOBRE AS SUBCOMPETÊNCIAS TRADUTÓRIAS E O PROCESSO TRADUTÓRIO

Hurtado Albir (2005) afirma que a competência tradutória é “um conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades, que singulariza o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues, não tradutores”. (p. 19). Para caracterizar e abranger esses conhecimentos e habilidades, a autora descreve cinco subcompetências: bilíngue, extralinguística, conhecimentos sobre a tradução, instrumental e estratégica.

A subcompetência bilíngue está relacionada a fundamentos necessários para que aconteça a comunicação entre duas línguas; esses são pragmáticos, sociolinguísticos, textuais e léxico-gramaticais. A subcompetência extralinguística está ligada a conhecimentos gerais sobre o mundo e noções sobre as culturas de partida e de chegada com as quais o tradutor está lidando. A subcompetência de conhecimentos sobre a tradução está relacionada aos princípios teóricos e metodológicos que conduzem a tradução, tais como unidade de tradução, tipos de problemas e métodos, e a conhecimentos sobre aspectos profissionais, tais como tipos de tarefa e destinatário. A subcompetência instrumental é formada por conhecimentos sobre o uso de fontes e tecnologia do âmbito da informática e da comunicação no processo tradutório. Por fim, há a subcompetência estratégica, que abrange os conhecimentos necessários para garantir a eficiência do processo tradutório; ela serve para gerenciar e ativar as diferentes subcompetências quando necessárias, identificar os problemas de tradução e formar a melhor estratégia para as suas resoluções. Essas cinco subcompetências trabalham em interação durante o processo tradutório, complementando umas às outras. Além disso, essas subcompetências são influenciadas por componentes fisiológicos. Esses componentes, que afetam o trabalho do tradutor, abrangem:

[...] componentes cognitivos, tais como memória, percepção, atenção e emoção; aspectos de atitude, como curiosidade intelectual, perseverança, rigor, espírito crítico, conhecimento e confiança em suas próprias capacidades, conhecimento do limite das próprias possibilidades, motivação etc.; habilidades, tais como criatividade, raciocínio lógico, análise e síntese etc.

(HURTADO ALBIR, 2005, p. 29).

Considerando a definição da subcompetência instrumental, é possível dizer que este foi um aspecto importante no desenvolvimento do método do trabalho; pois, além de ter utilizado recursos online para fazer todas as minhas pesquisas no processo de tradução e revisão, eu optei por usar um assistente de tradução, ou *CAT tool*<sup>9</sup>, para fazer a tradução do texto devido à facilidade de visualização dos parágrafos do TP próximo aos parágrafos do TC e ao fato de que poderia utilizar a memória de tradução. A característica marcante das memórias de tradução é que elas não traduzem o texto automaticamente, mas guardam na memória a tradução que foi feita. O benefício que isso traz para o processo de tradução é que a memória pode servir como um ponto de referência para o tradutor, e apesar de esse benefício ser mais visível na tradução de textos técnicos e científicos, acredito que possa ser útil para todos os tipos de textos. Com a memória de tradução, o tradutor pode pesquisar como termos específicos foram traduzidos dentro do próprio texto ou em um texto do mesmo gênero para manter um padrão, como no caso de textos especializados. Além disso, o tradutor ganha tempo, pois não precisa passar pelo trabalho de ele mesmo pesquisar o termo novamente.

No caso da tradução que eu fiz da narrativa de Josiah Henson, que é uma tradução literária que possivelmente fará parte de uma coleção cujo tema é narrativas de ex-escravos, a memória de tradução possibilitou a padronização de alguns termos históricos que aparecem em ambos livros. Por exemplo, para essa tradução, eu consultei em algumas ocasiões a memória de tradução de Costa de *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave (1845)*, o que foi muito útil e me possibilitou tirar algumas dúvidas sobre como traduzir certos termos, como é o caso da palavra *overseer*. Logo na primeira página do TP, há essa frase: “He had beaten the overseer for a brutal assault on my mother, and this was his punishment” (HENSON, 1849, p. 1). Ao ler a frase, eu entendi que se tratava de um homem branco encarregado dos escravos da fazenda, mas fiquei na dúvida sobre sua tradução; então, procurei na memória de tradução de Costa e vi que sua tradução para esse mesmo termo foi *feitor*.

Antes de começar a tradução, eu copiei o texto em um documento em branco e limpei-o de toda formatação — excluí o cabeçalho, as marcações de páginas e outros caracteres desnecessários — para deixá-lo pronto para ser utilizado no

---

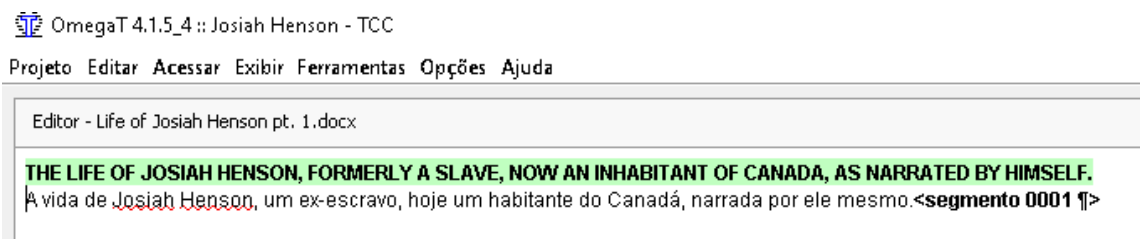
<sup>9</sup> *Computer-assisted translation (CAT) tool* - ferramenta de tradução com o auxílio de computador, ou assistente de tradução.



assistente de tradução. Depois de fazer isso, eu consultei a versão escaneada da primeira edição do livro no site *Internet Archive*<sup>10</sup>. Como o texto foi inteiramente padronizado, os destaques em itálico pelo autor em alguns trechos foram perdidos. Portanto, com a versão escaneada, eu pude reintegrar os destaques no TP para incluí-los no TC quando fossem traduzidos.

A *CAT tool* que eu utilizei para traduzir o texto foi o *OmegaT*<sup>11</sup>, um assistente de tradução gratuito desenvolvido originalmente por Keith Godfrey em 2000 que atualmente é mantido por um grupo liderado por Didier Briel. A ferramenta funciona da seguinte forma: para começar uma nova tradução, é preciso selecionar a função de criar um projeto dentro do sistema. Essa função cria uma pasta, e dentro dela coloca-se o arquivo *source* (fonte). Desse modo, cada vez que o programa é iniciado é preciso selecionar o projeto no qual se deseja trabalhar. Depois que o projeto está aberto, o OmegaT mostra o texto separado em parágrafos denominados *segmentos*. Ao clicar no segmento que se deseja traduzir, o segmento de partida fica destacado e há um espaço abaixo dele para escrever a tradução. Ao final, o segmento de chegada fica marcado com o número do segmento, como demonstrado na Figura 1 abaixo:

Figura 1 – Projeto de Tradução no OmegaT



Fonte: elaborada pela autora

Dizer que a minha experiência com o OmegaT foi ruim é um eufemismo. O programa não consegue lidar com parágrafos longos, e em diversas ocasiões eu tive que editar o arquivo fonte e quebrar parágrafos, o que gerou muitos atrasos e irritações durante o processo de tradução. Quando eu digitava muito rápido, o que era quase sempre, o programa não processava os acentos agudos e circunflexos das palavras, fazendo com que eu tivesse que voltar a todo tempo para fazer

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://archive.org/details/lifeofjosiahhens00hens>>. Acesso em 19/03/2019.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://omegat.org/>>. Acesso em 19/03/2019.

correções. Além disso, em parágrafos longos o texto que eu digitava demorava para aparecer na tela, obrigando-me a esperar antes de conferir se havia erros de digitação. Próximo ao fim da tradução, eu recorri ao recurso de digitar o TC em um bloco de notas do Windows para fugir da lentidão do OmegaT. Suponho que o trabalho manual de arrumar o TP para que ele se encaixe na funcionalidade do OmegaT é o preço que tradutores pagam para usar um *CAT tool* gratuito, considerando que a licença anual de um programa renomado como o *SDL Trados* custa cerca de quatrocentos e oitenta e cinco euros<sup>12</sup> em 2019.

Hurtado Albir (2015) afirma que um instrumento útil na avaliação de competência no treinamento do tradutor são os *reflective diaries* (diários de reflexão), o que ela define como anotações pessoais feitas pelo estudante com o fim de registrar seu processo de aprendizado. Assim, para que eu pudesse registrar os problemas, soluções e dúvidas que eu encontrei durante o processo tradutório, eu mantive um diário virtual de tradução sob a minha perspectiva de tradutora, comentando sobre o meu trabalho. Eu deixava o arquivo do Google Docs aberto sempre que estava traduzindo para facilitar a agilidade de anotações. Nele eu registrei, usando marcação de datas, as diversas dificuldades que eu enfrentei, desde dúvidas sobre o significado de vocábulos até o sentido de frases complicadas. Eu fiz comentários com diversas funções, como dúvidas que serviriam de lembretes para mim mesma mais tarde, aspectos da tradução sobre os quais eu gostaria de comentar neste trabalho etc. Por exemplo, nas Figuras 2 e 3 abaixo, é possível observar alguns comentários, entre os quais alguns entraram na descrição da tradução comentada mais tarde.

Figura 2 – Excerto 1 do Diário de Tradução

24/03/2019

Observações:

- Como deixar os números? 40 ou quarenta?
- Sobre o OmegaT: fica lentíssimo quando entro em parágrafos muito longos, então tive que quebrar alguns.
- Buggy = Carro?

Fonte: elaborado pela autora

---

<sup>12</sup> Preço consultado no site oficial do SDL Trados <<https://www.sdltrados.com/>> em 27/05/2019.

Figura 3 – Excerto 2 do Diário de Tradução

06/04/2019

- “Amid expressions of an apparently cordial welcome, I could discern plainly enough the look of displeasure that a slave should have got possession of such luxuries” - não sei bem como adaptar essa construção... Um olhar de nojo SOBRE/PARA O FATO... especificamente da parte “that a”. Deixei como “um olhar de nojo de quem pensa que um escravo não deveria...”
- “He entered cordially into [my plans]”. Achei peculiar essa escolha de verbo. Traduzi para “ele se envolveu”
- “By such arguments as these, Mr. Frank not only induced him to think of the thing, but before long brought him to an actual bargain, by which he agreed to give me my manumission papers for four hundred and fifty dollars, of which three hundred and fifty dollars were to be in cash, and the remainder in my note.” o que seria in my note?

Fonte: elaborado pela autora

Seria impossível lembrar de todos os casos quando eu fosse escrever este trabalho, mas com o diário eu pude revisar e repensar os problemas que encontrei. Essas anotações serviram de base para a seção da tradução comentada, em que discorro sobre os casos que eu julguei serem mais relevantes para comentar.

Depois que eu finalizei a tradução no OmegaT, eu extraí o texto para a pasta *target* (chegada) do projeto e passei a trabalhar com o texto diretamente no Google Docs para em seguida começar a revisão da tradução. Do mesmo modo que fiz durante a tradução, eu mantive o hábito de fazer anotações no diário de tradução enquanto revisava o meu texto. À medida que fui avançando na revisão, eu li os meus próprios comentários para procurar problemas não resolvidos que eu havia deixado para depois e escrevi novos, dessa vez sob a perspectiva do tradutor que revisa seu próprio trabalho. Na Figura 3 abaixo, é possível observar um exemplo de anotação que eu fiz no diário durante o processo de revisão.

Figura 4 - Excerto 3 do Diário de Tradução

03/05/2019

- Não sei se isso vai entrar no trabalho de algum jeito, mas eu tinha traduzido “He furnished me with a small sum of money, and some provisions; and I bought a one-horse wagon [..]” para “Ele me deu um pouco de dinheiro e alguns suprimentos; e eu comprei uma carroça de um cavalo [...]”. Ao reler, minha impressão foi que o cavalo tinha vendido a carroça para ele. Por isso revisamos! Mudei para “uma charrete”.

Fonte: elaborado pela autora

Tanto durante a tradução quanto a revisão, eu utilizei recursos como o *google tradutor* e o *linguee* para procurar sugestões de traduções para palavras, trechos, frases e segmentos com os quais estava tendo dificuldade no momento. Também, como mencionei no início desta subseção, consultei a memória de tradução de Costa da tradução de *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave* (1845). Adicionalmente, eu utilizei sites encontrados a partir de pesquisas no Google, como a *Wikipedia*<sup>13</sup>, o *native-languages.org*<sup>14</sup> e o portal da enciclopédia *Britannica*<sup>15</sup> para fazer pesquisas sobre aspectos históricos da época em que a vida de Josiah Henson se passa, que é o contexto histórico dos Estados Unidos escravista anterior à Guerra Civil Americana. O *google imagens*<sup>16</sup> foi um recurso muito útil quando eu precisei pesquisar termos mais específicos, como no caso de *buggy*, apresentado na Tabela 4 da seção 4 deste trabalho. Por fim, eu utilizei dicionários de sinônimos online como *sinonimos.com.br*<sup>17</sup> para procurar sinônimos de palavras em português e *thesaurus.com*<sup>18</sup> para inglês; e dicionários de língua online como o *Priberam*<sup>19</sup> para língua portuguesa e o *Oxford*<sup>20</sup> para língua inglesa. Na próxima seção, serão desenvolvidos os comentários sobre o processo tradutório, utilizando tabelas que apresentam as comparações entre o TP e o TC.

---

<sup>13</sup> <<https://www.wikipedia.org/>>

<sup>14</sup> <<http://www.native-languages.org/>>

<sup>15</sup> <<https://www.britannica.com/>>

<sup>16</sup> <<https://www.google.com/imghp?hl=pt-BR>>

<sup>17</sup> <<https://www.sinonimos.com.br/>>

<sup>18</sup> <<https://www.thesaurus.com/>>

<sup>19</sup> <<https://dicionario.priberam.org/>>

<sup>20</sup> <<https://en.oxforddictionaries.com/>>

## 4 COMENTÁRIOS SOBRE A TRADUÇÃO

Nesta seção, eu irei apresentar a minha seleção de trechos retirados do TP e as suas respectivas traduções. Os trechos sobre os quais os comentários foram escritos foram selecionados aqui pois apresentaram algum problema de tradução (NORD, 2001) ou provocaram alguma reflexão adicional durante o processo tradutório.

A fim de facilitar e organizar a visualização dos trechos, eles serão apresentados no formato de tabelas elaboradas por mim. Cada tabela será dividida em duas colunas, a primeira contendo o TP e a segunda o TC. Quando a discussão apresentar comentários sobre uma revisão que foi feita sobre a tradução, constará na tabela o TP, a primeira versão e a versão final. Na fonte das tabelas constarão as páginas em que o trecho do TP e do TC se encontram — as páginas da fonte do TP se referem ao livro publicado e as páginas do TC se referem à tradução produzida por mim e em cujo arquivo eu mesma numerei as páginas. Todos os grifos apresentados não constam no TP e sim foram inseridos por mim, a fim de destacar as partes de relevância que serão mencionadas nos comentários. Como a obra de Henson já se encontra em domínio público há muitos anos, é possível consultar o texto original na íntegra no site *Documenting the American South*<sup>21</sup>. Como o meu objetivo final é que a tradução seja publicada, eu não ofereço a tradução na íntegra neste trabalho; porém, nos Anexos 1 e 2, é possível consultar respectivamente um trecho da tradução e um trecho do texto escrito originalmente em língua inglesa.

Começo esta seção de comentários sobre o processo tradutório trazendo um trecho do início do texto que apresentou uma reflexão sobre a relação entre o modo que interpretei a história e a condição de Henson como escravo, e como isso se refletiu na minha tradução.

---

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://docsouth.unc.edu/neh/henson49/henson49.html>>. Acesso em 19/03/2019.

Tabela 1 - Trecho 1: The day's work of a man

Texto de Partida	Primeira versão	Versão final
Then a hoe was put into my hands, and I was soon <b>required to</b> do the day's work of a man; and it was not long before I could do it, at least as well as my associates in misery.	Então uma enxada foi colocada em minhas mãos, e logo eu <b>deveria fazer</b> o dia de trabalho de um homem; e não demorou muito para que eu conseguisse fazer isso, pelo menos tão bem quanto meus companheiros de infortúnio.	Então uma enxada foi colocada em minhas mãos, e logo eu <b>fui obrigado a</b> realizar o dia de trabalho de um homem; e não demorou para que eu conseguisse fazer isso, pelo menos tão bem quanto meus companheiros de infortúnio.

Elaborada pela autora; Henson (1849, p. 6) e tradução elaborada pela autora (p. 3)

Na primeira versão, eu havia traduzido o verbo *required to* para *deveria fazer*. Porém, não fiquei satisfeita com a minha tradução e deixei o texto grifado. Quando voltei a esse trecho durante a revisão, decidi experimentar colocar a frase *I was required to* no *google tradutor* para ver o que a ferramenta me ofereceria, e o resultado foi *fui obrigado a*. Percebi que essa construção realmente se encaixava melhor no texto; porém, meu primeiro instinto foi pensar que falar que alguém foi obrigado a fazer alguma coisa era uma expressão muito forte. Imediatamente após esse pensamento, cheguei à conclusão de que se existe um gênero apropriado para usar expressões fortes quando elas se mostram necessárias, é a narrativa de um ex-escravo. Não existe nada suave ou disfarçado sobre a história de Josiah Henson — ele, assim como incontáveis outras pessoas negras, sofreram brutalmente em suas condições de escravos. Como tradutora, acredito que decisões tradutórias simples como essa contribuem para definir o tom de toda a história. Portanto, decidi mudar a frase para a versão final que consta na terceira coluna.

Tabela 2 - Trecho 2: He was to officiate &amp; Exemplo de prolixidade

Texto de Partida	Primeira versão	Versão final
<p>One Sunday when <b>he was to officiate</b> in this way, at a place three or four miles distant, my mother persuaded me to ask master's leave to go and hear him; and although such permission was not given freely or often, yet his favor to me was shown for this once by allowing me to go, without much scolding, but not without a pretty distinct intimation of what would befall me, if I did not return immediately after the close of the service.</p>	<p>Em um domingo em que <b>ele estava programado para pregar</b>, em um lugar a três ou quatro quilômetros de distância, minha mãe me convenceu a pedir a permissão do senhor para ir ouvi-lo; e embora tal permissão não fosse dada livremente ou com frequência, sua preferência por mim foi mostrada nessa única vez ao me dar permissão para ir, sem muita bronca, mas não sem uma intimação bem específica do que me aconteceria se eu não retornasse imediatamente após o término do culto religioso.</p>	<p>Em um domingo em que <b>ele iria pregar</b>, em um lugar a três ou quatro quilômetros de distância, minha mãe me convenceu a pedir a permissão do senhor para ir ouvi-lo; e embora tal permissão não fosse dada livremente ou com frequência, sua preferência por mim foi mostrada nessa única vez ao me dar permissão para ir, sem muita bronca, mas não sem uma intimação bem específica do que me aconteceria se eu não retornasse imediatamente após o término do culto religioso.</p>

Elaborada pela autora; Henson (1849, p. 11) e tradução elaborada pela autora (p. 5)

Há dois aspectos dignos de observação no trecho 2. O primeiro é um exemplo de mudança que eu fiz durante a revisão: inicialmente, eu havia traduzido a parte grifada como está na segunda coluna da Tabela 2. Porém, ao reler esse trecho na revisão, eu percebi que eu havia produzido um anacronismo — a palavra *programar* e seus derivados são consideravelmente recentes. Depois de pesquisar alguns sinônimos para o verbo, considerei substituir pela palavra *agendado*, mas a frase continuou soando estranha. Cheguei à conclusão de que simplificar a

construção tornaria a frase mais clara e natural, então estabeleci a versão final da terceira coluna.

O segundo é a prolixidade do trecho: no decorrer do livro, o autor utiliza muitas vírgulas e ponto e vírgulas para unir frases, o que resulta em trechos muito longos e causa estranhamento durante a leitura. Se eu encontrasse um trecho tão longo quanto esse durante a tradução ou revisão de um artigo acadêmico, por exemplo, a minha escolha seria dividir a frase em dois ou até três trechos individuais. No entanto, acredito que isso seja um exemplo do aspecto da oralidade presente na narrativa de Henson. Samuel A. Eliot aproximou a escrita à norma culta, mas fez o possível para manter a essência da história. Desse jeito, perderam-se várias marcas do discurso oral de Henson que provavelmente aconteciam enquanto ele ditava sua história. Porém, algumas dessas marcas permanecem, como é possível observar nos trechos das Tabelas 2 e 3. Como Henson provavelmente passou muito tempo falando e conversando com Eliot enquanto contava sua história, é possível presumir que Henson se empolgou com o assunto em diversos momentos. Nesse momento da história, Henson está contando ao leitor sobre sua primeira experiência assistindo a um culto religioso, que foi um evento extremamente marcante em sua vida. Portanto, acredito que esse trecho seja um exemplo de como a prolixidade de Henson — que se estendeu sem fazer pausas no trecho em questão — misturou-se com a escrita de Eliot — que tentou manter a marca de Henson no texto ao preservar o trecho do modo como Henson o contou, mas simultaneamente organizando a frase com vírgulas e ponto e vírgulas. Assim, ao contrário do que faria se fosse o caso de um texto acadêmico, decidi manter o trecho para preservar essa heterogeneidade e o estranhamento.



Tabela 3 - Trecho 3: Marca de oralidade

<p>When I arrived at the place of meeting, the services were so far advanced that the speaker was just beginning his discourse, from the text, Hebrews ii. 9; "That he, by the grace of God, should taste of death <b>for every man.</b>" [...] I was wonderfully impressed, too, with the use which the preacher made of the last words of the text, "<b>for every man.</b>" He said the death of Christ was not designed for the benefit of a select few only, but for the salvation of the world, for the bond as well as the free; and he dwelt on the glad tidings of the Gospel to the poor, the persecuted, and the distressed, its deliverance to the captive, and the liberty wherewith Christ has made us free, till my heart burned within me, and I was in a state of the greatest excitement at the thought that such a being as Jesus Christ had been described should have died <b>for me--for me</b> among the rest, a poor, despised, abused slave, who was thought by his fellow creatures fit for nothing but unrequited toil and ignorance, for mental and bodily degradation.</p>	<p>Quando cheguei ao local da reunião, o culto estava tão avançado que o pastor estava apenas iniciando seu sermão, do texto Hebreus 2:9; "Para que ele, pela graça de Deus, provasse a morte por todos os homens". [...] Fiquei maravilhosamente impressionado também com o uso que ele fez das últimas palavras do texto, "<b>por todos os homens</b>". Ele disse que a morte de Cristo não foi projetada para o benefício de apenas alguns, mas para a salvação do mundo, tanto para os algemados quanto para os livres; e ele falou sobre as boas novas do Evangelho para os pobres, os perseguidos e os aflitos, sua libertação dos cativos e a liberdade com que Cristo nos libertou, até que meu coração ardesse dentro de mim e eu estivesse muito emocionado com o pensamento de que um ser que havia sido descrito como Jesus Cristo havia morrido <b>por mim - por mim</b>, entre os demais, um escravo pobre, desprezado e abusado, que era considerado por seus semelhantes apto apenas para labuta não retribuída e ignorância, para degradação mental e corporal.</p>
--	--

Elaborada pela autora; Henson (1849, p. 12) e tradução elaborada pela autora (p. 5)

Assim como no exemplo anterior da Tabela 2, esse trecho apresenta uma marca de oralidade do discurso de Henson. Nesse momento, Henson está contando

sobre sua primeira experiência em um culto religioso: ele está contando, muito emocionado, sobre o primeiro trecho da Bíblia que escutou. Dois termos aparecem destacados no trecho: nesse caso, os grifos adicionados ao trecho por mim para fins de destaque foram os negritos; os itálicos estão presente na primeira edição do livro e eu os reproduzi exatamente como estão no TP. O uso de itálico nessas palavras parece dar ênfase a partes específicas. Nos dois casos destacados, Henson fala as palavras e depois as repete para enfatizar o que está falando; é possível inferir que, ao repeti-las, ele mudou o tom de voz. Conseqüentemente, enquanto transcrevia, talvez Samuel A. Eliot tenha decidido manter essa ênfase e demonstrá-la através do uso de itálico. Essa marca de oralidade é importante pois possibilita que o leitor sinta a emoção que Henson provavelmente estava sentindo ao relatar a sua jornada.

Por se tratar de uma narrativa pessoal situada no contexto histórico amplamente conhecido dos Estados Unidos escravista, o texto de Henson tem diversas marcações e descrições culturais. Considerei três termos - *buggy*, *flat boat* e *wigwam*, apresentados nas Tabelas 4, 5 e 6, típicos desse contexto. Depois de fazer pesquisas da internet, cheguei à conclusão de que seria mais apropriado mantê-los em inglês e acrescentar notas de rodapé.

Tabela 4 - Trecho 4: Buggy

<p>I was young, remarkably athletic and self-relying, and in such affrays I carried it with a high hand, and would elbow my way among the whites, whom it would have been almost death for me to strike, seize my master, and drag him out, mount him on his horse, or crowd him into his <b>buggy</b>, with the ease with which I would handle a bag of corn, and at the same time with the pride of conscious superiority, and the kindness inspired by performing an act of benevolence.</p>	<p>Eu era jovem, extraordinariamente atlético e autoconfiante, e em tais tumultos eu cumpria a minha função com a mão alta: abria caminho a cotoveladas entre os brancos - a quem certamente seria para mim mortal atacar - agarrava meu dono, arrastava e colocava ele em cima do seu cavalo ou de seu <i>buggy</i>, com a facilidade com que eu lidava com um saco de milho e ao mesmo tempo com o orgulho de superioridade consciente e a gentileza inspirada ao realizar um ato de benevolência.</p>
---	--

Elaborada pela autora; Henson (1849, p. 15) e tradução elaborada pela autora (p. 6)

Em todos os casos, eu me deparei com termos que não conhecia durante a tradução. Portanto, eu decidi buscá-los no *google imagens* para ter uma ideia melhor do que poderiam ser. Na primeira busca, em que eu busquei apenas por “buggy”, a ferramenta me mostrou apenas imagens do tipo de veículo de porte pequeno. Quando voltei a pesquisar, resolvi experimentar uma pesquisa um pouco mais específica e procurei a expressão *horse and buggy*, o que me levou a diversas imagens de uma carruagem antiga sendo puxada por um cavalo<sup>22</sup>. Através de mais pesquisas da expressão *horse and buggy* no google, eu cheguei em duas páginas: os verbetes da *Enciclopédia Britannica*<sup>23</sup> e da *Wikipedia*<sup>24</sup>. Através do verbete da *Britannica*, constatei que o *buggy* era um tipo de veículo muito típico desde o fim do século XVIII até o início do século XX e que tornou-se um ícone do meio de transporte da época. Por sua vez, o verbete da Wikipedia é muito simples e curto; porém, foi através dele que eu vi que usa-se o termo *buggy* em português também. Para confirmar que esse uso realmente ocorre na língua portuguesa, fiz uma nova pesquisa no *google imagens*, dessa vez da expressão *cavalo e buggy*, e o resultado da pesquisa da expressão em português<sup>25</sup> foi muito parecido com a em inglês. Por essas duas razões, eu decidi deixar o termo em inglês e em itálico e fazer uma nota de rodapé explicando sua marcação cultural: “Uma carruagem que comporta dois passageiros e é puxada por um ou dois cavalos. Do final do século XVII ao início do XIX, foi o principal meio de transporte para distâncias curtas nos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra” (Tradução elaborada pela autora, p. 6)

---

<sup>22</sup> Disponível em <<https://bit.ly/2IHFjW0>>. Acesso em 20/05/2019.

<sup>23</sup> Disponível em <<https://www.britannica.com/technology/buggy>>. Acesso em 20/05/2019.

<sup>24</sup> Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Buggy\\_\(carruagem\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Buggy_(carruagem))>. Acesso em 20/05/2019.

<sup>25</sup> Disponível em <<https://bit.ly/31BlbfS>>. Acesso em 20/05/2019.

Tabela 5 - Trecho 5: Flatboat

<p>It was not long, however, before the subject was brought up again, and he said Isaac was perpetually telling him he must have money, and added that I must get ready to go to New Orleans with his son Amos, a young man about twenty-one years of age, who was going down the river with a <b>flat boat</b>, and was nearly ready to start; in fact he was to leave the next day, and I must go and take care of him, and help him dispose of the cargo.</p>	<p>Porém, não demorou para que o assunto surgisse novamente, e ele disse que Isaac estava constantemente dizendo para ele que precisava do dinheiro, e disse também que eu deveria me preparar para ir para Nova Orleans com seu filho Amos, um jovem de mais ou menos vinte e um anos, que ia descer o rio de <b>flatboat</b> e estava quase pronto para sair; na verdade ele iria sair no próximo dia, e eu tinha que ir cuidar dele e ajudá-lo a se livrar do carregamento.</p>
--	--

Elaborada pela autora; Henson (1849, p. 38) e tradução elaborada pela autora (p. 14)

O termo *flatboat* foi um que apresentou bastante dificuldade. Nesse caso, eu também recorri ao *google imagens*. A pesquisa<sup>26</sup> me mostrou imagens que combinam com o que é descrito no livro: um tipo de barco grande com o fundo chato, com espaço suficiente para comportar diversas pessoas e mercadorias a bordo. Ademais, todas as imagens eram bem antigas e levavam a sites mencionando as viagens que eram feitas em *flatboats* no sul dos Estados Unidos, como o verbete da *Wikipedia*<sup>27</sup> e o site *American History USA*<sup>28</sup>. Porém, ao pesquisar a expressão *barco chato* no *google imagens*, os resultados são muito diferentes<sup>29</sup>; encontram-se fotos de barcos de fundo chato muito pequenos, tipo de pescador. Eu fiquei em dúvida sobre o que fazer durante vários dias, pois ainda acreditava que pudesse ter um equivalente em português. Para mim, como tradutora, isso é uma ocorrência comum — quando estou em dúvida sobre um termo, geralmente faço um grifo na tradução para retomar a pesquisa depois de um tempo e assim poder continuar a trabalhar. Ao final, eu cheguei à conclusão de que a solução seria a mesma do caso do *buggy*. Por se tratar de um termo específico

<sup>26</sup> Disponível em <<https://bit.ly/2ljDeAp>>. Acesso em 23/05/2019.

<sup>27</sup> Disponível em <<https://en.wikipedia.org/wiki/Flatboat>>. Acesso em 23/05/2019.

<sup>28</sup> Disponível em <<https://www.americanhistoryusa.com/the-flatboat-and-transport-in-antebellum-america/>>. Acesso em 23/05/2019.

<sup>29</sup> Disponível em <<https://bit.ly/2Xwk8zy>>. Acesso em 23/05/2019.

daquela época da história dos Estados Unidos, conclui que seria mais apropriado manter o termo em inglês e fazer uma nota de rodapé com a explicação: “Um barco retangular grande de fundo chato utilizado para transportar cargas e pessoas em rios e canais no interior dos Estados Unidos nos séculos XVIII e XIX” (Tradução elaborada pela autora, p. 14). Apesar de o termo estar escrito separado (*flat boat*) no TP, eu decidi escrevê-lo junto (*flatboat*) no TC pois foi assim que o encontrei em todas as pesquisas.

Tabela 6 - Trecho 6: Wigwam

<p>Presently we came upon their <b>wigwams</b>, and saw a fine looking, stately Indian, with his arms folded, waiting for us to approach.</p>	<p>Logo chegamos nas suas <b>wigwams</b> e vimos um índio bonito e imponente, com os braços cruzados, esperando nós chegarmos perto.</p>
---	--

Elaborada pela autora; Henson (1849, p. 54) e tradução elaborada pela autora (p. 20)

Por último, encontrei o termo *wigwam*. Como pode ser observado na Tabela 6, trata-se da residência dos nativos norte-americanos que Josiah Henson e sua família encontraram no caminho para o Canadá. Ao pesquisar o termo na internet, encontrei uma página do portal *Native Languages of the Americas*<sup>30</sup> que explica os diferentes tipos de habitações dos nativos da América do Norte — entre elas, a *wigwam*, que é um tipo de habitação em forma de domo. Dessa vez, após já ter passado por dois casos parecidos, não hesitei ao decidir fazer a nota de rodapé para situar o leitor ao fato de que o termo trata-se de uma marca cultural específica dos nativos da norte-americanos: “Habitação em forma de domo, típica dos nativos norte-americanos da época” (Tradução elaborada pela autora, p. 20).

A prática de adicionar notas de rodapé é uma estratégia domesticadora, pois apesar de o termo permanecer na língua de origem do TP, o que em si constitui em estrangeirização, a nota serve para aproximar os termos culturalmente marcados ao leitor brasileiro, assim, domesticando tais partes da narrativa. A estratégia de tradução de domesticação vai contra o que prega Venuti (2002), pois o autor é explicitamente contra a adequação do TP à cultura de chegada, porém, essa posição do autor se volta a traduções para o inglês, o que não é o caso da tradução

<sup>30</sup> Disponível em <<http://www.native-languages.org/houses.htm>>. Acesso em 26/05/2019.

aqui analisada. O uso da nota de rodapé no texto marca a presença da tradutora, que, com o uso da subcompetência extralinguística do modelo de Hurtado Albir (2005), fez a reflexão e tomou a decisão de inserir tais notas de rodapé. Portanto, nesse caso, a domesticação, e não a estrangeirização, é que marca o texto como sendo uma tradução.

Tabela 7 - Trecho 7: Caprice of the abandoned

<p>What else, indeed, can be the feeling of the slave, liable at every moment of his life to these frightful and unnecessary calamities, which may be caused by the <b>caprice of the abandoned</b>, or the supposed necessities of the better part of the slaveholders, and inflicted upon him without sympathy or redress, under the sanction of the laws which uphold the institution?</p>	<p>O que mais, de fato, pode ser o sentimento do escravo, sujeito a cada momento de sua vida a essas calamidades assustadoras e desnecessárias, que podem ser causadas pelo <b>capricho dos dissolutos</b>, ou pela suposta necessidade da maior parte dos senhores de escravos, e infligidas a ele sem pena ou reparação, sob a sanção das leis que sustentam a instituição?</p>
---	---

Elaborada pela autora; Henson (1849, p. 28) e tradução elaborada pela autora (p. 11)

O trecho destacado na Tabela 7 foi um grande problema de tradução que me surpreendeu durante o processo tradutório. Eu fiquei muito tempo pesquisando outros significados para *caprice* para além de *capricho* (no sentido de vontade repentina sem justificativa), achando que o *abandoned* se referia aos escravos. Considerando essas definições, a expressão não faz o menor sentido no contexto da frase; os escravos não tinham nem direitos, quem diria caprichos. Porém, depois de um tempo, resolvi mudar de tática de pesquisa e comecei a investigar o termo *abandoned*. Então, descobri na página do *Wiktionary*<sup>31</sup> que poderia ser o contrário do que eu andava pensando: há um outro significado para a palavra *abandoned*, no sentido de quem se abandona ao vício. Para garantir que o significado encontrado no *Wiktionary* estava correto, eu pesquisei o termo em outros dicionários e confirmei

<sup>31</sup> Disponível em <<https://en.wiktionary.org/wiki/abandoned>>. Acesso em 10/05/2019.

o significado através do *Collins Dictionary*<sup>32</sup>. Isso se encaixa no contexto histórico considerando-se que os escravos eram vendidos e separados das suas famílias porque os senhores gastavam mais do que tinham e então tinham que vendê-los para pagar as dívidas, ou só vendiam os escravos sem motivo pois não os enxergavam como pessoas e sim objetos, portanto, não se importavam com seus sentimentos. No final, mantive a palavra *capricho* no TC e decidi traduzir *abandoned* como *dissolutos*<sup>33</sup>.

Tabela 8 - Trecho 8: Shoot by a sawyer

<p>I watched the manoeuvres necessary to <b>shoot by a sawyer</b>, to land on a bank, or avoid a snag, or a steamboat, in the rapid current of the <b>Mississippi</b>, till I could do it as well as the captain.</p>	<p>Eu assisti às manobras necessárias para <b>desviar de raízes de árvores</b>, pousar em um banco de terra, ou evitar obstáculos ou um barco a vapor na corrente rápida do <b>rio Mississippi</b> até que eu conseguia fazer essas coisas tão bem quanto o capitão.</p>
---	--

Elaborada pela autora; Henson (1849, p. 40) e tradução elaborada pela autora (p. 15)

No momento da história da qual o trecho 7 foi retirado, Josiah Henson está fazendo uma viagem de barco pelo Rio Mississippi. Ele lista as diferentes manobras que teve que aprender — por ser o único negro a bordo, ele era o que mais guiava o barco além do capitão. Dessa lista, eu tive mais dificuldade com o item grifado. Como eu não encontrei uma definição para a expressão inteira, eu decidi pesquisar as duas palavras separadamente. Ao procurar a definição de sawyer no *Oxford*, eu encontrei o seguinte: “uma árvore desenraizada flutuando em um rio mas com uma extremidade presa”<sup>34</sup>; e ao procurar a definição do verbo shoot no mesmo dicionário, eu encontrei “mover-se ou mover algo repentina e rapidamente em uma direção específica”<sup>35</sup>. Assim, interpretei a expressão como se referindo à uma prática de navegação de evitar agilmente raízes de árvores que invadiram um rio. Portanto, eu

<sup>32</sup> Disponível em <<https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/abandoned>>. Acesso em 10/05/2019.

<sup>33</sup> Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/dissoluto>>. Acesso em 23/05/2019.

<sup>34</sup> Tradução da autora. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/sawyer>>. Acesso em 18/05/2019.

<sup>35</sup> Tradução da autora. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/shoot>>. Acesso em 18/05/2019.

optei pela tradução *desviar de raízes de árvores*, e acredito que tenha capturado bem o sentido da expressão e estabelecido uma imagem boa para os leitores entenderem o que a expressão significa e a qual ação ela se refere.

Quanto ao destaque do trecho *rio Mississippi*, apesar de o termo não ter sido problemático de traduzir, ainda assim ele é considerado um problema de tradução pois é um termo culturalmente marcado, elemento que tradicionalmente requer mais atenção do tradutor. Nesse caso, eu recorri à estratégia de explicitação, que se refere “à maneira em que tradutores explicitamente adicionam componentes no texto de chegada que estavam apenas implícitos no texto de partida”. (CHESTERMAN, 2000, p. 108 apud SILVA, 2013, p. 223). Nesse trecho, o rio Mississippi está sendo referido apenas pelo nome próprio, que é culturalmente marcado, enquanto o substantivo *rio* está implícito na frase. Porém, eu refleti que em português a frase parecia incompleta sem a palavra *rio* antes de *Mississippi* e decidi fazer a explicitação.

Tabela 9 - Trecho 9: Deus com letra minúscula ou maiúscula?

<p>I remained on deck all night, instead of rousing one of the men to relieve me, and nothing brought composure to my mind, but the solemn resolution I then made to resign myself to the will of God, and take with thankfulness, if I could, but with submission, at all events, whatever <b>he</b> might decide should be my lot.</p>	<p>Eu fiquei no convés durante toda a noite em vez de acordar um dos homens para trocar comigo, e nada trouxe sossego à minha mente além da solene resolução que eu fiz naquele momento de me entregar totalmente à vontade de Deus, e aceitar com gratidão, se pudesse, mas com submissão, a todo custo, seja lá o que <b>ele</b> decidisse que seria o meu destino.</p>
--	---

Elaborada pela autora; Henson (1849, p. 43) e tradução elaborada pela autora (p. 16)

Semelhantemente ao comentário feito sobre a Tabela 1, o problema de tradução apresentado nesse trecho foi uma reflexão; nesse caso, sobre a relação entre a religiosidade de Henson e a escrita. Nesse momento da história, Henson estava passando por o que ele classifica como a maior crise de sua vida — motivado pelo medo de ser vendido e separado de sua família, ele chegou muito perto de



matar um homem. Depois de muita reflexão, ele expressa sua devoção religiosa ao dizer que está entregando seu destino às mãos de Deus. Ao ler esse trecho, o fato de que o pronome *he* (ele), referindo-se a Deus, está escrito com letra minúscula surpreendeu-me. Na mesma frase, Henson menciona o nome e ele está escrito com a letra maiúscula — mas o pronome, que aparece em seguida, não está. Acredito que esse detalhe não causará estranhamento em muitas pessoas; nesse caso, o estranhamento causado em mim foi devido ao fato de que, apesar de não ser religiosa, estudei do ensino básico ao médio em um colégio católico. Portanto, estou acostumada com o princípio de que os nomes e pronomes que estiverem se referenciando a Deus devem começar com letra maiúscula. Além de isso ser conhecimento geral, foi formalizado no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1945<sup>36</sup>. Então, meu primeiro instinto foi pensar que o pronome deveria estar escrito com a letra maiúscula. Considerando toda essa reflexão causada pelo pronome, decidi manter a primeira letra minúscula no TC. Nesse sentido, aqui eu considerei o efeito de estranhamento causado nos leitores de chegada; leitores brasileiros que, assim como eu, possivelmente também podem pensar que o pronome deveria começar com a letra maiúscula.

Tabela 10 - Trecho 10: The base and apparently irremediable trick

Texto de Partida	Primeira versão	Versão final
All this was very smooth and pleasant to a man who was in a frenzy of grief at <b>the base and apparently irremediable trick</b> that had been played upon him.	Tudo isso estava muito bom e tranquilo para um homem que passava por uma dor profunda depois de ter sofrido <b>um golpe aparentemente irremediável.</b>	Tudo isso estava muito bom e tranquilo para um homem que passava por uma dor profunda depois de ter sofrido <b>um golpe imoral e aparentemente irremediável.</b>

Elaborada pela autora; Henson (1849, p. 37) e tradução elaborada pela autora (p. 14)

Nessa parte da narrativa, Henson está descrevendo as consequências do golpe que seu dono tinha dado nele ao alterar o preço de sua compra na nota

<sup>36</sup> Disponível em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php?action=acordo&id=8-36&version=1945>>. Acesso em 05/06/2019.

promissória. Quando eu traduzi esse trecho pela primeira vez, eu tinha entendido que o trecho *at the base* tinha um sentido mais literal, isto é, “na base” da pessoa, como se Henson tivesse a impressão de que estava sentindo o luto no corpo inteiro. Se o sentido fosse esse, a estrutura da frase seria estranhíssima, pois imediatamente após a palavra *base* há o trecho *and apparently irremediable trick*. Então, como primeira solução, eu cortei o *base* e deixei a tradução como está apresentado na coluna da primeira versão na Tabela 10. Durante o processo de revisão, notei a semelhança entre esse problema de tradução e o caso da Tabela 7, em que havia um significado para a palavra *abandoned* que eu não conhecia. Então, decidi pesquisar se a palavra *base* tem algum significado como adjetivo, e descobri que significa imoral<sup>37</sup>, o que se encaixa perfeitamente com o sentido da frase. Portanto, alterei a frase para comportar os dois adjetivos que Henson usa, e cheguei na versão final.

Finalmente, na próxima seção serão apresentadas as considerações finais deste trabalho.

---

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/base>>. Acesso 15/05/2019.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre o período da escravidão, apesar de muito detalhados, às vezes podem ser muito impessoais. Muito se estuda sobre esse contexto histórico, mas sabemos pouco sobre as pessoas em si: como eram as suas rotinas? Como se relacionavam entre si? O que sentiam? Como lidavam com a brutalidade de sua condição? O relato de Josiah Henson fornece respostas para essas perguntas, possibilitando que o leitor conheça aspectos históricos do ponto de vista de um escravo. Com isso, o objetivo de traduzir sua história é aproximar o leitor brasileiro do relato pessoal de alguém que sofreu muito sob a escravidão. Apesar de a narrativa ser situada na América do Norte e não no Brasil, é possível notar semelhanças entre a escravidão nos dois países, pois tanto os escravos norte-americanos quanto os brasileiros tinham a mesma origem — chegaram nos respectivos países através de navios negreiros — e exerciam funções domésticas e rurais. Assim, a narrativa de Henson permanece relevante também para os leitores brasileiros.

Por experiência própria, posso falar que nas aulas de história do ensino fundamental no Brasil, antes de ensinar-se qualquer coisa sobre escravidão para os alunos, ensina-se a história de como Pedro Álvares Cabral chegou às terras brasileiras. O mesmo pode-se dizer sobre a história de Cristóvão Colombo — geralmente, ele é retratado como um dos homens mais corajosos até então, que desafiou os conhecimentos limitados de sua época para provar que a Terra de fato era redonda e acidentalmente descobriu o continente americano. Esse é o ponto de partida, é onde começa a história do continente em que vivem os brasileiros. A história de Henson é um contraponto que quebra um pouco esse costume de dar foco e voz às histórias de homens brancos que “descobriram” continentes, trazendo a voz periférica de Henson à tona e devolvendo-lhe o lugar de fala.

Assim como Venuti (2002) o fez com a obra de I. U. Tarchetti, eu atribui à narrativa de Josiah Henson o status de minorizante, pois Henson, diferentemente dos grandes nomes de sua época, não possuía status social nem educação formal. Além disso, as marcas de oralidade presentes na obra e o fato de que há uma mistura entre a voz de Henson e a escrita de Samuel A. Eliot tornam a obra heterogênea. Nesse sentido, o objetivo da tradução foi de aumentar o alcance da história de Henson; ao traduzi-la, estou permitindo que sua voz seja ouvida por mais

leitores e desviando um pouco do padrão ao selecionar um autor diferente do que os leitores estão acostumados a ver nas prateleiras das livrarias.

No decorrer da tradução e da revisão, a subcompetência instrumental (HURTADO ALBIR, 2005) foi importante para a construção da metodologia do trabalho. Ao utilizar um assistente de tradução e consultar uma memória de tradução, o tradutor poupa tempo útil e realiza seu trabalho de modo mais eficiente. Além disso, as fontes de pesquisa e consulta online como enciclopédias e dicionários ajudaram a garantir a precisão de aspectos históricos e linguísticos do TC. Porém, no caso deste projeto, o uso do *OmegaT* mostrou-se trabalhoso e consideravelmente lento. Próximo à conclusão da tradução, eu apelei para o uso do bloco de notas do Windows para não precisar lidar com os problemas da ferramenta e poder concluir o projeto. Portanto, apesar de ainda acreditar que o uso de assistentes de tradução é importante para o trabalho do tradutor, não recomendo o *OmegaT* como escolha profissional. Ou seja, a subcompetência instrumental não agiu sozinha — o uso dessa ferramenta não eliminou a necessidade de outras subcompetências serem ativadas. Nas questões das Tabelas 4, 5 e 6 (*buggy*, *flatboat* e *wigwam*), a subcompetência extralinguística foi essencial para a elaboração das notas de rodapé e dos comentários subsequentes. Além disso, a subcompetência estratégica guiou o processo tradutório do início ao fim do projeto, desde o planejamento da metodologia até a identificação dos problemas de tradução e do assistente de tradução. Assim, a minha utilização das subcompetências tradutórias valida o ponto de Hurtado Albir (2005), que apresenta um modelo de competência tradutória na qual as subcompetências agem de maneira conjunta.

Devido à questão de espaço, esse trabalho apresentou um número limitado de problemas de tradução encontrados durante o processo. Porém, acredito que com a seleção aqui apresentada eu tenha conseguido mostrar um pouco os desafios do texto e as reflexões e ações necessárias para resolver os problemas de tradução que foram ocasionados devido a aspectos históricos, culturais, religiosos e linguísticos do texto.

Espero que, caso a tradução seja publicada pela Editora Hedra como parte da coleção de narrativas de ex-escravizados, a obra chegue nas mãos dos estudantes de História, jovens e adultos, e que seja instrutivo. Por fim, como estudante e tradutora, espero que esse trabalho ajude outros estudantes que pretendem pesquisar e escrever sobre tradução comentada e que ajude futuros tradutores que

têm a intenção de trabalhar com autobiografias históricas e outras obras no que tange a escravidão.

## REFERÊNCIAS

- GOLDNER, Ellen J. *Arguing With Pictures: Race, Class, and the Formation of Popular Abolitionism through Uncle Tom's Cabin*. *Journal of American Culture*, v. 24, n. 1-2, p. 71-84, 2001.
- HENSON, Josiah. *The Life of Josiah Henson, Formerly a Slave, Now an Inhabitant of Canada, as Narrated by Himself*. Boston: Arthur D. Phelps, 1849.
- HURTADO ALBIR, Amparo. A Aquisição da Competência Tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia Maria; ALVES, Fábio (Org.). *Competência em Tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 19-57, 2005.
- HURTADO ALBIR, Amparo. The Acquisition of Translation Competence. Competences, Tasks, and Assessment in Translator Training. *Meta*, v. 60, n. 2, p. 256-280, 2015. doi:10.7202/1032857ar
- MARTINS, Marcia do Amaral Peixoto. As Contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a Teoria da Tradução. *Cadernos de Letras*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 59-72, 2010.
- SANDERS, Eulanda A. *Female Slave Narratives and Appearance: Assimilation, Experience, and Escape*. *Clothing and Textiles Research Journal*, v. 29, n. 4, p. 267-283, 2011.
- SCHLEIERMACHER, F. Sobre os diferentes métodos de tradução. Trad. Margarete von Mühlen Poll. In: HEIDERMAN, W. (Org.). *Clássicos da teoria da Tradução: antologia bilíngue*, v. I, alemão-português. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001. p. 26-87.
- SILVA, Márcia Moura da. Análise de Termos Indígenas nas Traduções HispanoAmericana, Inglesa e Italiana de Macunaíma: estratégias de tradução do ponto de vista cultural. 2013. 304 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- SPINDEL, Donna J. *Assessing Memory: Twentieth-Century Slave Narratives Reconsidered*. *The Journal of Interdisciplinary History*, v. 27, n. 2, p. 247-261, 1996.
- STOLL, David. *Rigoberta Menchú and the Story of All Poor Guatemalans*. Boulder: Westview Press, 1999.
- VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London/New York: Routledge, 2008 (1a. edição em 1995).
- VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. São Paulo: EDUSC, 2002.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. *The Map: A beginner's guide to doing research in Translation Studies*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla de Mojana di Cologna; JANCZUR, Christine. A Tradução Comentada em Contexto Acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 331-352, 2015.

## ANEXO 1

A vida de Josiah Henson, ex-escravo, hoje habitante do Canadá, narrada por ele mesmo.

### NOTA

A seguinte autobiografia foi escrita a partir do ditado de JOSIAH HENSON. Uma porção da história foi contada por ele e, depois de escrita, lida para ele para que quaisquer erros fossem corrigidos. Portanto a essência, os fatos, as reflexões e muitas vezes as palavras são dele; e pouco mais que a estrutura das frases pertence a outra pessoa<sup>1</sup>.

Nesta forma, a narrativa inevitavelmente perde o encanto da maneira sincera e da eloquência natural de um homem que conta uma história na qual está profundamente interessado; mas espera-se que o suficiente disso permaneça para estimular o interesse na leitura e que o caráter do homem e a natureza incrível dos eventos de sua vida sirvam de reflexão para justificar o esforço para torná-los mais conhecidos. A história tem essa vantagem de que não é ficção e sim fato, e poderá ser muito educativa por aqueles que prestarem atenção em suas lições.

### A VIDA DE JOSIAH HENSON

Eu nasci no dia 15 de junho de 1789 em Charles County, Maryland, em uma fazenda que pertencia ao Sr. Francis N., mais ou menos a um quilômetro de Port Tobacco. Minha mãe pertencia ao Dr. Josiah McP., mas era contratada ao Sr. N., a quem meu pai pertencia. O único incidente do qual me lembro, que aconteceu enquanto minha mãe estava na fazenda de N., foi a aparência do meu pai um dia, a cabeça ensanguentada e as costas laceradas. Ele estava muito agitado, e apesar de ter sido um mistério para mim aos três ou quatro anos, foi-me explicado anos depois e eu entendi que ele havia sofrido a punição cruel da lei da Maryland por bater em

---

1. Samuel Atkins Eliot (1798 – 1862) foi um político de Boston, Massachusetts que serviu mandatos como membro da câmara de deputados, prefeito de Boston e senador. Em algum momento da década de 1840, Josiah Henson ditou sua história a ele e Eliot a transcreveu e adicionou escreveu este breve prefácio.



um homem branco. Sua orelha esquerda havia sido cortada rente à cabeça e ele havia levado cem chicotadas nas costas. Ele havia batido no feitor que atacou brutalmente minha mãe e este foi o seu castigo. Furioso com tal tratamento, meu pai tornou-se um homem diferente e ficou tão mau-humorado, desobediente e rebelde que o Sr. N. decidiu vendê-lo. Portanto ele o mandou, não muito tempo depois, para seu filho que vivia no Alabama; nem eu nem minha mãe ouvimos falar dele novamente. Ele era, naturalmente, segundo o que minha mãe e outras pessoas falaram, um homem de temperamento agradável e de energia de caráter considerável; mas não é estranho que ele tenha mudado completamente devido a essa crueldade e injustiça sob a sanção da lei.

Depois da venda do meu pai pelo Sr. N. e sua partida de Maryland para Alabama, o Dr. McP. não contratou mais a minha mãe de N. Ela voltou, portanto, à propriedade do doutor, que era muito mais gentil com seus escravos do que a maioria dos plantadores, nunca os fazendo sofrer com espancamentos. De fato, ele era um homem de bons impulsos naturais, bondoso, liberal e jovial. Essa última qualidade era tão desenvolvida que acabou sendo a causa de sua queda; e apesar de que seus excessos festivos não haviam sido considerados uma falha pela comunidade em que vivia, e não o impediram de ter uma grande reputação pela bondade de seu coração e uma benevolência quase santa, ainda assim eles acabaram sendo sua perdição. Minha mãe e sua família de três meninas e três meninos, dos quais eu era o mais novo, morou na propriedade por dois ou três anos, durante os quais as minhas únicas memórias são de ser o favorito do doutor, que achava que eu era uma criança inteligente, e de ficar muito impressionado com o que eu reconheci mais adiante como a profunda religiosidade e os sentimentos e hábitos devocionais de minha mãe. Eu não sei como ou onde ela adquiriu seu conhecimento sobre Deus ou seu entendimento sobre a oração do Senhor, que ela tão frequentemente repetia e me ensinou a repetir. Eu lembro de vê-la com frequência ajoelhada, tentando organizar seus pensamentos em orações apropriadas para a situação do momento, mas que resultavam em pouco mais do que exclamações constantes e repetição de pequenas frases, que estavam ao alcance da minha compreensão infantil e das quais lembro até hoje.

No entanto, depois desse breve período de conforto considerável, a morte do Dr. McP causou uma revolução na nossa condição, que, apesar de essas situações serem comuns em países de escravos, nunca poderiam ser imaginadas por alguém

que não é sujeito a elas tampouco poderiam ser lembradas por aqueles que jamais tiveram a experiência do luto e indignação profundos e inesquecíveis. O doutor estava voltando a cavalo de uma de suas cenas de excesso desenfreado quando caiu ao cruzar um pequeno riacho com menos de um pé de profundidade e não pôde salvar-se do afogamento.

Como consequência de sua morte, foi necessário vender a propriedade e os escravos para dividir os bens entre os herdeiros; e todos nós fomos leiloados, vendidos pelo maior preço e espalhados pelas mais variadas partes do país. Meus irmãos e irmãs foram leiloados um por um enquanto minha mãe, segurando a minha mão, observava com uma agonia de luto, a causa da qual eu pouco entendi no início, mas que amanheceu na minha mente com uma clareza medonha à medida que o leilão continuava. Então, a minha mãe foi separada de mim quando chegou a sua vez. Ela foi comprada por um homem chamado Isaac R., que morava no condado de Montgomery, e depois eu fui oferecido para os compradores presentes. Minha mãe, atordoada pela separação permanente de todos os seus filhos, abriu caminho na multidão durante o leilão até o lugar onde R. estava. Ela caiu aos seus pés e agarrou-se aos seus joelhos, implorando a ele em um tom que só uma mãe conseguiria impor, para que ele comprasse o seu bebê também e poupasse a ela pelo menos um de seus pequenos. Pode-se acreditar que esse homem, depois de escutar esse apelo, foi capaz não apenas de fingir que não escutou sua súplica mas também de desvencilhar-se dela a golpes e chutes tão violentos, fazendo com ela tivesse que se arrastar para longe dele e misturar o gemido do sofrimento corporal com o soluço de um coração partido? Porém, essa foi uma das minhas primeiras observações dos homens; uma experiência que para mim tem sido comum com milhares da minha raça, da qual sua frequência não pode diminuir a amargura para qualquer indivíduo que a sofra e é cruel o suficiente para ofuscar toda a vida após a morte com algo mais sombrio do que um manto fúnebre. Eu fui comprado por um estranho. No entanto, quase imediatamente, seja pelo fato de que a minha força infantil aos cinco ou seis anos de idade tenha sido exposta a tais cenas e experiências ou por alguma causa accidental, eu adoeci, e pareceu para meu novo dono tão pouco provável que eu me recuperasse que ele propôs a R., o comprador de minha mãe, que me levasse por um preço tão baixo que não pôde ser recusado. Eu fui assim providencialmente restaurado à minha mãe; e sob os seus cuidados, desamparada como ela era de meios adequados de cuidar de mim, recuperei minha

saúde e cresci tornando-me um menino e homem extraordinariamente vigoroso e saudável.

## ANEXO 2

THE LIFE OF JOSIAH HENSON, FORMERLY A SLAVE, NOW AN INHABITANT OF CANADA, AS NARRATED BY HIMSELF.

### ADVERTISEMENT

THE following memoir was written from the dictation of JOSIAH HENSON. A portion of the story was told, which, when written, was read to him, that any errors of statement might be corrected. The substance of it, therefore, the facts, the reflections, and very often the words, are his; and little more than the structure of the sentences belongs to another.

The narrative, in this form, necessarily loses the attraction derived from the earnest manner, the natural eloquence of a man who tells a story in which he is deeply interested; but it is hoped that enough remains to repay perusal, and that the character of the man, and the striking nature of the events of his life will be thought to justify the endeavor to make them more extensively known. The story has this advantage, that it is not fiction, but fact; and it will be found fruitful in instruction by those who attentively consider its lessons.

### LIFE OF JOSIAH HENSON.

I WAS born, June 15, 1789, in Charles County, Maryland, on a farm belonging to Mr. Francis N., about a mile from Port Tobacco. My mother was the property of Dr. Josiah McP., but was hired by Mr. N., to whom my father belonged. The only incident I can remember, which occurred while my mother continued on N.'s farm, was the appearance of my father one day, with his head bloody and his back lacerated. He was in a state of great excitement, and though it was all a mystery to me at the age of three or four years, it was explained at a later period, and I understood that he had been suffering the cruel penalty of the Maryland law for beating a white man. His right ear had been cut off close to his head, and he had received a hundred lashes on his back. He had beaten the overseer for a brutal assault on my mother, and this was his punishment. Furious at such treatment, my father became a different man, and was so morose, disobedient, and intractable, that Mr. N. determined to sell him.

He accordingly parted with him, not long after, to his son, who lived in Alabama; and neither my mother nor I, ever heard of him again. He was naturally, as I understood afterwards from my mother and other persons, a man of amiable temper, and of considerable energy of character; but it is not strange that he should be essentially changed by such cruelty and injustice under the sanction of law.

After the sale of my father by N., and his leaving Maryland for Alabama, Dr. McP. would no longer hire out my mother to N. She returned, therefore, to the estate of the doctor, who was very much kinder to his slaves than the generality of planters, never suffering them to be struck by any one. He was, indeed, a man of good natural impulses, kind-hearted, liberal, and jovial. The latter quality was so much developed as to be his great failing; and though his convivial excesses were not thought of as a fault by the community in which he lived, and did not even prevent his having a high reputation for goodness of heart, and an almost saint-like benevolence, yet they were, nevertheless, his ruin. My mother, and her young family of three girls and three boys, of which I was the youngest, resided on this estate for two or three years, during which my only recollections are of being rather a pet of the doctor's, who thought I was a bright child, and of being much impressed with what I afterwards recognized as the deep piety and devotional feeling and habits of my mother. I do not know how, or where she acquired her knowledge of God, or her acquaintance with the Lord's prayer, which she so frequently repeated and taught me to repeat. I remember seeing her often on her knees, endeavoring to arrange her thoughts in prayers appropriate to her situation, but which amounted to little more than constant ejaculation, and the repetition of short phrases, which were within my infant comprehension, and have remained in my memory to this hour.

After this brief period of comparative comfort, however, the death of Dr. McP. brought about a revolution in our condition, which, common as such things are in slave countries, can never be imagined by those not subject to them, nor recollected by those who have been, without emotions of grief and indignation deep and ineffaceable. The doctor was riding from one of his scenes of riotous excess, when, falling from his horse, in crossing a little run, not a foot deep, he was unable to save himself from drowning.

In consequence of his decease, it became necessary to sell the estate and the slaves, in order to divide the property among the heirs; and we were all put up at auction and sold to the highest bidder, and scattered over various parts of the

country. My brothers and sisters were bid off one by one, while my mother, holding my hand, looked on in an agony of grief, the cause of which I but ill understood at first, but which dawned on my mind, with dreadful clearness, as the sale proceeded. My mother was then separated from me, and put up in her turn. She was bought by a man named Isaac R., residing in Montgomery county, and then I was offered to the assembled purchasers. My mother, half distracted with the parting forever from all her children, pushed through the crowd, while the bidding for me was going on, to the spot where R. was standing. She fell at his feet, and clung to his knees, entreating him in tones that a mother only could command, to buy her baby as well as herself, and spare to her one of her little ones at least. Will it, can it be believed that this man, thus appealed to, was capable not merely of turning a deaf ear to her supplication, but of disengaging himself from her with such violent blows and kicks, as to reduce her to the necessity of creeping out of his reach, and mingling the groan of bodily suffering with the sob of a breaking heart? Yet this was one of my earliest observations of men; an experience which has been common to me with thousands of my race, the bitterness of which its frequency cannot diminish to any individual who suffers it, while it is dark enough to overshadow the whole after-life with something blacker than a funeral pall.--I was bought by a stranger.--Almost immediately, however, whether my childish strength, at five or six years of age, was overmastered by such scenes and experiences, or from some accidental cause, I fell sick, and seemed to my new master so little likely to recover, that he proposed to R., the purchaser of my mother, to take me too at such a trifling rate that it could not be refused. I was thus providentially restored to my mother; and under her care, destitute as she was of the proper means of nursing me, I recovered my health, and grew up to be an uncommonly vigorous and healthy boy and man.